

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SÔBRE A EPOPEIA ALEMÃ *KUDRUN*, A PROPÓSITO DAS REFERÊNCIAS QUE ALI SE FAZEM A PORTUGAL

CAPÍTULO I

A epopeia medieval alemã *Kudrun*. — Exposição do assunto. — Influência que nela exerceu o *Nibelungenlied*. — Carácter da heroína, um dos mais belos tipos da virtude e honra que a idade média concebeu. — Complicação da intriga. — Colorido das descrições. — Relêvo dramático de todas as figuras. — Atmosfera trágica da obra.

A epopeia germânica, o *Nibelungenlied*, sem dúvida um dos monumentos mais notáveis da poesia épica de todos os tempos, pela linguagem expressiva e variada, como pela idea fundamental que desenvolve — a fidelidade nas suas múltiplas formas de dedicação amorosa, de actos de abnegação ilimitada, prestados ao amigo e ao senhor — e que na época moderna com Ibsen, Hebbel, Wagner, Jordan, Morris, não falando já de Hans Sachs, se tornou o património literário dos povos germânicos, gozou desde cedo de grande popularidade, como o prova o poema *Kudrun*, composto provavelmente na Áustria ou na Baviera entre 1216 e 1220, cujo estilo e



DR. GUSTAVO CORDEIRO
RAMOS

assunto denotam com evidência ter sido o seu autor influenciado pelo *Nibelungenlied*.

A estrofe, com pequenas diferenças, é a mesma: a primeira metade é idêntica, na segunda a rima é feminina; o segundo hemistíquio do último verso tem cinco *arsis* em vez de quatro. Ambas as composições mostram igual mistura de lendas heróicas e fantasias jogralescas; em uma e outra a personagem principal é uma mulher, mas enquanto na primeira o desenlace é trágico, na segunda os acontecimentos dispõem-se para uma solução conciliatória.

Embora o poema nunca fosse tão popular como o dos *Nibelungen*, tendo chegado até nós, num único manuscrito do começo do século xvi, o de Ambras, e seja prejudicado por freqüentes divagações, é mais rico e variado nos episódios e sobretudo apreciável pelo poder descritivo. O assunto é o seguinte:

Sigeband, filho do rei Ger da Irlanda e de Uta (1), desposou depois da morte do pai, uma princesa da Noruega, também chamada Uta, de quem teve um filho Hagen. Resolveu o monarca, acedendo aos desejos da rainha, habituada a assistir a brilhantes torneios na côrte de seu pai

.....

 «dô sach ich tegelichen mines vater man
 nâch hôhem prise werben; des ich hie künde nie gewan».

(1) Emprego a forma Uta (médio alto al. Uote). Em al. mod., a par de Ute, há Ota, Uda, Uta, Otilie. Talvez *Uta* seja apofônica com o gót *atta* (pai) e nesse caso significaria mãe. Ou o radical será *aud* (velho nord. *Audr*, Anglsax. *Éad*. Ant. alt. al. *Ot.*, posse, patrimônio, família). O elemento *Ot*, *Ed*, entra em composição de vários nomes germânicos, como Edmund, Edwart, Edgar, Otto, Ottokar, etc. (Vid. Alfred Bass. *Deutsche Vornamen*. Leipzig 1909, pág. 117). Em port. ant. também há Ata. (Cfr. Meyer-Lübke. *Romanische Namenstudien. I Die alt portugiesischen Personennamen germanischen Ursprungs nos Sitzungsberichte der*

celebrar uma grande festa (Hôchzît), para que foram convidados muitos cavaleiros e damas. Por inadvertência, deixaram sair para o pé do palácio o jovem príncipe. De súbito, apareceu um monstruoso grifo que arrebatou a criança para o seu ninho no interior da floresta. Um dos grifos, na intenção de a devorar, voa com ela de ramo em ramo, até que Hagen conseguiu escapar, ocultando-se num arbusto. Numa caverna, encontrou três princesas, filhas dos reis da Índia, de Portugal e Iserland, que também para lá tinham sido levadas pelos grifos.

Foi muito bem recebido (von in gütlich enphangen); com êle partilhavam os seus parques alimentos que se reduziam a plantas silvestres (Wurze unt ander Krût).

Assim cresceu o príncipe, cujo ardor bélico desde cedo se revelou. Um dia encontra em um navio que dera à costa e onde iam embarcados muitos peregrinos, grande provisão de armas (setas e espadas). Consegue destruir todos os grifos, matando também um *Gabilûn* (1), cujo sangue bebeu, com o que veio a alcançar fôrça sobreumana. Com as princesas vagueia vinte e quatro dias pela floresta, até que avista uma embarcação que vinha de *Garadé*, a quem pede auxílio.

Êle e as suas companheiras são recolhidas a bordo. O comandante, que era um conde, informa-se sobre a família a que pertenciam. E assim veio a saber que o pai de Hagen

K. Ak. der Wissenschaften philosophische-hist. Abteilung. CXLIX B. St. 85). Na reprodução dos outros nomes próprios, quando não haja forma portuguesa correspondente, adopto a forma do moderno alto alemão.

(1) Êste misterioso animal parece ser o camaleão que vive do ar. É o mesmo que o *gampelûn* do Parz. 383, 1. 575, 27, onde figura no elmo, escudo ou couraça de Ilinot, Bertun e dos seus amigos. Também Shakespeare. Hamlet. III. 2 fala do *chameleon's dish*: leat the air, promise-crammed. (Vid. Kudrun, hrg. u. erkl. von Ernst Martin. Halle a/S 1902, pág. 25).

era o monarca inimigo, com quem andava em luta, pensando por isso em o deter como refens (*Gísel*). Receando, porém, a fôrça extraordinária do joven, que desde logo se denunciou pela arrogância, com que acolheu as ameaças do conde e mais tripulação, dirige o navio para a Irlanda, onde aportam. Em sinal de gratidão, Hagen a todos promete amparo; os pais, ao reconhecê-lo, desfazem-se em transportes de alegria e amizade, presenteando os peregrinos, que se conservam quinze dias a convite do monarca em *Baljân*. O velho Sigeband abdica a favor do filho, que se casa com a mais bela das suas antigas companheiras, Hilda da Índia. Pelas suas façanhas recebe o cognome de *Válant aller Künige* (1). Da união com a princesa indiana nasce uma filha, também Hilda, de nome, requestada por vários galanteadores, entre os quais um príncipe de *Wáleis*, mas Hagen a todos repudia; não quer ter como genro, quem seja mais fraco do que êle. Aos mensageiros que em nome dos seus senhores vão pedir a mão de Hilda, dá morte afrontosa.

A fama da beleza de Hilda chegou ao conhecimento do rei Hetel de Hegelingen, que a todo o transe está disposto a possuí-la. Cinco heróis, parentes e vassalos de Hetel, Wate de Stürmen, Horand e Frute (2), da Dinamarca, Morung de Nifland, Irold de Ortland, são encarregados da perigosa missão de irem buscar a princesa. É equipado magnificamente um navio, em que se ocultam 700 homens de guerra.

(1) *Válant* quer dizer demónio, isto é, todos os reis o temiam como o demónio. (Cfr. no *Fausto* de Goethe, Walpurgisnacht v. 3666: Junker Volland). Nos poetas medievais dos séculos XII e XIII é o demónio chamado *Valant*, *Foland* e *Volland* (Grimm, na *Mithol.* 943 e no Dicionário, define *Faland* por *malus genius, diabolus*).

(2) O elemento *Fruot*, que significa sábio, prudente, também entra em composição de vários nomes alemães masculinos e femininos como Frodebalt, Frodebert, Fruotmunt, Frodebalda, Frodeberta, Fruotmunta, Frodolf (Bass. *Ob. cit.*, pág. 127).

Frute leva consigo grande provisão de mercadorias preciosas de toda a espécie.

Ao chegarem à Irlanda, fazem-se passar por gente de negócio, obsequiando o rei generosamente. A joven Hilda, desejosa de ver os hóspedes, a cuja liberalidade tantos louvores ouvira, insiste com o pai para que os honre com uma festa na cõrte. No paço, onde se apresentam vestidos com o maior aparato, despertam a atenção das damas, entre as quais se destaca pelo encanto do porte e magnificência do traje, a linda princesa. Os jovens cortesãos entregam-se a exercícios de luta. Wate, de quem o monarca inquire se no seu país também há divertimentos análogos, finge que nunca assistira ao jôgo das armas e que muito desejaria aprendê-lo. O mestre de armas e a seguir o próprio rei, reconhecem em breve a perícia do antagonista.

«... jâ waen'ich nie gesach
des junger ich sô gerne nâch solher künste waere».

confessa Hagen. Uma noite, Horand faz ouvir os seus cantos. A rainha entusiasma-se «com a mais bela melodia que saiu de bõca humana». Ao romper de alva, volta a cantar. «As aves ficam silenciosas e as pessoas que dormiam, logo despertam. A sua voz ressoava cada vez mais bela, mais alta e mais pura. O próprio rei Hagen, sentado junto da rainha, ouviu também. Deixam os aposentos e avançam para o balcão. Horand sabia para quem cantava; a joven rainha escutava-os.

«A filha do selvagem Hagen e as suas companheiras estavam sentadas e ouviam. Notaram como as aves esqueciam os seus cantos no pátio do castelo. E os heróis escutaram também o dinamarquês, que cantava com uma voz tão bela».

A influência do canto de Horand aumenta cada vez mais, acaba por fascinar a natureza inteira.

«Os animais da floresta abandonavam o pasto. Os vermes da terra que rastejam debaixo da relva, os peixes que correm sob a corrente, deixam os antros. Horand compreendia o valor da sua arte».

Por mais que cantasse, não se cansavam de o ouvir.

O padre elevava em vão a sua voz no câro; os sinos parecia não soarem tão harmoniosamente. Tudo o que ouvia Horand, se sentia arrebatado (Kudrun. Ed. de Martin. VI Âventiure — wie suoze Hôrant sanc).

Por fim, dirige-se a Hilda que se deixa vencer. Chama-o secretamente aos seus aposentos. Horand expõe-lhe o fim da viagem. A rainha dá-lhe o anel que trazia no dedo, consente em segui-lo e desposar o rei dos Frisões, contanto que a aliança que vai contrair, corresponda às exigências desmedidas do pai e o possa ouvir cantar à noite e de manhã. O cavaleiro tranquiliza-a: «Nobre dama, o meu soberano tem doze cantores na cârte; cada um dêles é mais hábil que eu, mas a todos sobreleva o rei». (VI Avent. Est. 406).

Os estrangeiros despedem-se da cârte, pedindo como último favor, que vão admirar os ricos tesouros que têm a bordo.

O rei de bom grado acede. Quando a princesa, acompanhada das damas, sobe para o navio, inesperadamente levantam âncora e afastam-se. O monarca furioso e os seus homens de armas despedem em vão as suas setas; pensa em segui-los, mas como os navios não estão em bom estado, manda construir novos para perseguir os fugitivos que aportam a Wâleis, nos domínios de Hetel, que, prevenido do seu regresso, os vai esperar com grande séquito. Tinham juncado o solo de flores e levantado tendas de sêda, onde a rainha e as damas pudessem repousar.

Ao amanhecer do dia seguinte, Horand descortina ao longe uns navios que se aproximam da costa; numa das velas reconhece Morung o braço de Hagen e com grande

surpresa — não o acreditariam sem o testemunho dos próprios olhos —

Ez wolden niht gelouben die von Tenelant,
s'n sachen'z mit ir ougen.

vêm desembarcar Hagen com um poderoso exército. Trava-se violento combate, em que Hetel é ferido pelo monarca; Wate corre a proteger o seu jovem soberano e Hagen é ferido também. A luta redobra de intensidade, torna-se geral; não tarda que Hagen, admirando o valor dos antagonistas, acabe por julgá-los dignos da sua amizade.

Hetel vem oferecer-lhe a paz, que é aceite, estabelecendo-se entre ambos estreita aliança. Wate com a sua arte maravilhosa cura os feridos, a pedido de Hilda. Enquanto duram as festas, Hagen fica na côrte de Hetel, regressando a seguir à Irlanda. A rainha pede-lhe novas da filha e das damas.

«Nunca, diz êle, poderiam ter melhor sorte e, se tivesse mais filhas, casa-las ia todas com os frisões. As damas consolam-se, porque nunca na Irlanda tiveram tão belos vestidos. De resto, acrescenta, fisemos o nosso dever e muitas armaduras foram quebradas por elas». (VIII Avent. Est. 561-562).

Da união de Hetel e Hilda nasceu Ortwin e Kudrun (1), que excede em beleza sua mãe e que é requestada por poderosos príncipes, entre os quais o rei Sigefredo (2) de Mor-

(1) A correspondente forma portuguesa é Gunderona. O 1.º elemento, *Gunt* (luta, batalha, guerra), é freqüente em nomes germânicos e em vários nomes portugueses antigos dessa origem, como Gundesinco, Gundulfo, Gunderico, etc. O segundo *Rûn* significa sêgrêdo, encanto, profecia. Figura também na port. ant. Fulderona. (Meyer Lübke. *Ob. cit.*, pág. 32-75).

(2) O primeiro elemento do al. Siegfried (port. Sigefredo), como é bem conhecido, significa vitória. Entra em muitos nomes germânicos. Em port. ant. temos Segeredo, Sigerico, Segesindo, Segemundo, etc.

land. Hetel recusa-lha e o rei retira, ameaçador. A conselho de Gerlinda⁽¹⁾, Hartmut da Normandia, seu filho, manda pedir a mão da formosa princesa. Não é mais feliz; a pretexto de que o pai de Hartmut, o rei Luís, recebera um feudo de Hagen, pai de Hilda, Hetel responde negativamente aos pedidos formulados pelos enviados do pretendente, cuja categoria entende ser inferior à sua. Também Herwig⁽²⁾ da Zelândia aspira à mão de Kudrun. Alguns anos depois, Hartmut consegue, disfarçado, falar à sua amada, que o aconselha, para segurança da vida, a deixar quanto antes a corte. Acedendo, regressa a Ormanie (Normandia), mas dispõe-se a raptar à força a princesa dos seus encantos.

Entretanto, Herwig, com três mil homens, põe cerco ao castelo de Hetel, onde consegue penetrar. Dá-se uma sangüinolenta batalha. Kudrun, que a ela assiste, intercede junto dos contendores, para que façam as pazes.

Aceita os protestos amorosos de Herwig e dentro dum ano acompanhá-lo há como espôsa. Sigefredo, despeitado, invade os domínios de Herwig. Hetel corre em auxílio do futuro genro, resistindo ao inimigo. Hartmut e Luís da Normandia, aproveitando-se da ausência dos heróis, com uma

(Lübke, pág. 41 e 57). *Sieg* é o alto al. *sigu*, *sigi*; gót. *sigis*, velho nord. *sigr*, velho sax. *sigi*; velho fris. *sī* (Schönfeld. Wörterbuch der altgermanischen Personen-und. Völkernamen. Heidelberg, 1911, pág. 206).

(1) Emprego a forma Gerlinda para traduzir o méd. alt. al. Gerlint mod. al. Gerlinde, por analogia com outros nomes portugueses de origem germânica, bastante vulgares, como Ermelinda, Deolinda, Teodolinda, onde o segundo elemento, que é o mesmo que aparece em *Lindwurm*, significa cobra e é muito frequente em nomes de mulher, como Herlinde, Sigelinde, Gotelinde, Fridelinde, Idelinde, etc. (Bass. *Ob. cit.*, pág. 139).

(2) Herwic, mod. alt. al. Herwig, significa combatente dos exércitos. Herwig é masculino. A forma portuguesa feminina seria Herwiga, como também é hoje em alemão. (Cfr. Erwigo, cit. em Lübke. *Ob. cit.*, pág. 82).

poderosa esquadra marcham para o país dos *Hegelinge*, assaltam o castelo Matelâne, raptam Kudrun com as suas companheiras, ao todo sessenta e duas, entre as quais a princesa portuguesa Hildeburg (1). Hartmüt ainda tentou evitar o ataque, se Kudrun acedesse a desposá-la, o que era impossível, visto ser noiva de Herwig.

A rainha Hilda manda comunicar ao marido e a Herwig o sucedido. A conselho de Wate, fazem com os mouros uma paz honrosa. O próprio Sigefredo dispõe-se a acompanhá-los na perseguição dos normandos, mas como era impossível equipar uma frota com a urgência necessária, apoderam-se dos navios dos peregrinos que se dirigiam à Terra Santa. Encontram-se com os fugitivos em *Wülpensand* e, como os tomam por cruzados, deixam-nos aproximar sem desconfiança. Logo que desembarcam, trava-se uma batalha terrível, que dura até à noite. Por fim, os frisões perceberam que com a escuridão se feriam uns aos outros. O próprio rei Hetel sucumbe aos golpes de Luís. Os normandos fazem-se ao largo com as suas cativas. Os *Hegelinge* reconhecem a impossibilidade de os seguirem, sepultam os mortos e em sua memória os parentes instituem um mosteiro da ordem dos hospitalários. O acto de hostilidade praticado para com os cruzados, colocados sob a protecção divina, foi a sua desgraça.

Ao chegar à Normandia, Kudrun é recebida pela mãe e pela irmã de Hartmut, Ortrun, que a acolhe com o maior carinho, pega-lhe nas mãos e dá-lhe o ósculo da paz. Em breve, a recepção torna-se menos cordial. Já no caminho, por ter a ousadia de responder ao rei Luís, que preferia

(1) Hildeburg, méd. alt. al. Hildeburc, significa a protectora da luta. O segundo elemento aparece em nomes de mulher, como Herburg, Lantburg, Notburga, Williburg, Fastburg, Folkburg, Gerberga, etc. (Bass. *Ob. cit.*, pág. 121).

a morte, a unir-se ao filho, fôra também lançada ao mar, sendo salva por Hartmut. Quando Gerlinda por seu turno avança, Kudrun afasta-se; não pode pactuar com quem aconselhara a expedição funesta. Hartmut procura em vão demovê-la dos seus propósitos, mas ela, fiel ao noivo e à memória do pai, repele-o indignada: «Sabeis bem os males que causastes com as vossas acções guerreiras. Fizestes-me prisioneira e trouxestes-me para aqui.

«Os vossos cavaleiros deram a morte a muitos dos nossos. O vosso pai matou o meu e, se eu fôsse homem, fazia-lhe o mesmo». (Kudrun, XX Avent., Est. 1032-1033).

Durante o exílio, Kudrun, enquanto o jovem rei e os normandos vão combater em países longínquos, sofre os piores tratos, que lhe são infligidos pela perversa Gerlinda. O poema refere pormenorizadamente os martírios que a infeliz, de ânimo inquebrantável, suportava. As damas, habituadas só a bordados finos, tinham agora de fiar; a princesa é obrigada aos serviços mais grosseiros: a acender o fogão, limpar o pó com os cabelos, e por fim, à neve e ao vento, lavar a roupa na praia.

Hildeburg, também filha de rei, como ela diz a Gerlinda — *ouch trouc mín vater krône*, — deseja compartilhar da mesma sorte e assim as duas princesas durante cinco anos e meio entregam-se ao duro mister da lavagem da roupa.

Os frisões que na última batalha tinham perdido a maior parte dos homens válidos, esperam, para recomeçar a luta, que os filhos estejam em idade de pegar em armas. Ao apêlo de Hilda, acorrem os cavaleiros com as suas fôrças. Põem-se a caminho com uma frota poderosa, sob o comando de Horand.

Em Wülpensand, onde visitam os túmulos de seus pais, reúnem-se aos mouros. Os ventos do sul levam-nos à montanha magnética de *Givers*, situada no mar sombrio. Os marinheiros, sem se poderem desembaraçar da fôrça magné-

tica que, atraindo a pregaria dos navios, ameaça desconjuntá-los, desesperam; Wate, o *sábio*, tranqüiliza-os e narra uma lenda marítima (*wazzermaere*), segundo a qual na montanha habita um povo feliz, rico e hospitaleiro, e aqueles que podem esperar ventos propícios, vivem na abundância com suas famílias. Como não lhes faltam provisões, convida-os a descer ao interior da montanha, mas Frute, o dinamarquês, não se mostra disposto a expor-se a novos perigos.

Já estavam pouco esperançados de seguir viagem com os navios imobilizados durante quatro dias, quando os nevoeiros se dissipam e as ondas voltam a agitar-se. Os ventos de oeste livraram-nos desta situação aflitiva.

Depois de tantos perigos, conseguem arribar à costa da Normandia, junto a uma floresta. Ortwin e Herwig prestam-se a percorrer a região, à procura da princesa, sob a promessa de que, se forem feitos prisioneiros, serão resgatados; se morrerem, serão vingados. Kudrun e a sua dedicada companheira, Hildeburg, são advertidas por um anjo que lhes aparece sob a forma de uma bela ave, da sua próxima libertação, anunciando-lhes a chegada do irmão e do noivo, acompanhados da sua gente.

No dia seguinte, as duas cativas, por ordem da rainha, voltam à praia. Vêm-se forçadas a marchar descalças, visto que a cruel Gerlinda lhes recusou os sapatos. «Era no tempo em que o inverno estava a terminar. As aves ensaiavam os seus primeiros cantos. As duas órfãs caminhavam pelo solo gelado. A despeito da sua beleza, o vento de março agitava-lhes os cabelos em desordem, nenhum abrigo as protegia da chuva e da neve». (Kudrun, XXV Avent., Est. 1218, 1219). Vêm aproximar-se num barco dois homens; envergonhadas da sua situação, fogem, mas êles, Ortwin e Herwig, chamam-nas. Depois de lhes oferecerem as capas para as protegerem do frio, o que ambas recusam, informam-se sobre a sorte da princesa que há anos fôra raptada. Kudrun

responde que morrera de mágoa. Irrompem as lágrimas dos olhos dos cavaleiros, mas em breve a tristeza cede o lugar à alegria e ao entusiasmo. Os dois amantes reconhecem-se pelos anéis de ouro que traziam no dedo, penhor da união futura. Por vontade de Herwig, poriam logo termo à sua escravidão, mas Ortwin julga mais honroso libertá-las à mão armada, mandando-as regressar ao castelo.

Kudrun, orgulhosa por ter abraçado dois reis, não se presta mais a lavar a roupa que atira ao rio. Gerlinda repreende-as por se terem demorado tanto e resolve fazê-las flagelar. A princesa finge, a trôco do perdão, satisfazer as pretensões de Hartmut, que acolhe jubiloso esta atitude.

Prepara-se a seguir com as suas damas, com toda a magnificência. Para deixar o castelo indefeso, aconselha Hartmut a mandar mensageiros anunciarem aos seus homens a feliz notícia. Só a velha rainha, ao ver sorrir Kudrun, depois de tantos anos, pela primeira vez, pressente qualquer fatalidade. Ao romper de aurora, uma das damas vê aproximar-se da costa a armada libertadora. A sentinela anuncia a presença dos inimigos. Wate sopra na sua buzina com tal violência, que as pedras angulares do muro aluem. Os normandos são muito fracos para resistirem a todos os exércitos do norte reunidos; o castelo é tomado de assalto. Luís sucumbe aos golpes de Herwig, Hartmut é feito prisioneiro com oitenta cavaleiros; os restantes são trucidados. A Gerlinda decepa Wate a cabeça; as próprias crianças não são poupadas; só escapa Ortrun, irmã de Hartmut, que sempre se mostrara bondosa para Kudrun. Os *Hegelinges* embarcam para o seu país com Kudrun e grande presa. Depois de terríveis vinganças, os dois povos reconciliam-se e muitos casamentos coroam a aventura. Ortwin casa com Ortrun; Hartmut, a quem é restituído o seu reino, desposa a fiel Hildeburg; Sigefredo, o monarca mouro, a irmã de Herwig, o qual regressa à Zelandia com Kudrun.

«Quando viram as damas reunidas, os heróis discutiram sobre qual seria a mais bela. Acordaram então em fazer elogios a todas. Tal foi o fim da história». (Kudrun, XXX Avent.).

*
* *

Eis nas suas linhas gerais o tema da grande epopeia, onde se glorificam as mais belas virtudes, a valentia desinteressada, a fidelidade inconcussa, o sentimento de justiça inquebrantável. O carácter de Kudrun é um dos mais belos tipos que a idade média concebeu. Não é a sofredora cristã que suporta humildemente as desgraças que a atinjam: ao orgulho da sua raça sabe aliar a prudência e a astúcia que lhe facilitam a salvação, embora não consiga ocultar o íntimo júbilo que a possui. No sentido moderno, o poeta poderia pôr em conflito a atracção por Hartmut(1) que se mostra uma natureza nobre e cavaleiresca, digna, a todos os respeitos, do amor de uma mulher e a fidelidade devida ao seu noivo. Mas a cativa, retomando a dignidade perante o homem que a raptou, define a sociedade medieval por uma das suas faces mais belas. O poema acrescenta esta reflexão: «Era costume que uma mulher fosse livre na escolha do marido; assim o exigia a honra». (Kud., XX Avent., Est. 1034).

Desde o momento, em que Luís lhe assassinara o pai, tinha de odiar toda a raça normanda. Só depois de terrível

(1) O nome de Hartmut indica bem o seu carácter; significa propriamente o de ânimo forte. A palavra *hart*, *hard* aparece com frequência no onomástico germânico, o que define como muitos outros nomes o feitio belicoso dos antepassados dos alemães, tão heróicos como êles na defesa da pátria. (Cfr. Bernhard, o forte urso; Gerhart, a forte lança, etc.). A irmã de Hartmut chama-se Ortrun. O primeiro elemento significa espada. Assim, o nome do irmão de Kudrun, Ortwin, propriamente significa amigo da espada.

vingança e de ser restituída aos seus, o coração generoso de Kudrun trasborda em manifestações de bondade; salva a vida a Hartmut, reconcilia-o com sua mãe.

Se a intriga é complicada, não faltam as situações empolgantes; pela obra perpassa o espírito de uma tragédia. Todas as figuras têm relêvo dramático. A miséria mais profunda, o sofrimento mais doloroso, a servidão mais abjecta são pintados magistralmente, e com tal arte, que o leitor presente que uma reparação condigna será dada às duas heróinas, Kudrun e a sua dedicada companheira, a princesa portuguesa que desposa o valente soberano normando. As descrições são cheias de colorido e animação. Em poucos traços, com precisão extraordinária, representam-se as scenas mais variadas. Acompanhamos com interêsse as alternativas da luta; como Hagen e a sua côrte, também nos deixamos inebriar pelos cantos de Horand.

Com que talento maravilhoso é pintada a scena da praia, do encontro de Kudrun com os seus libertadores! Bartsch não a acha inferior ao passo da Odissea, quando Ulisses, sob a protecção de Minerva, aporta à ilha dos Pheacianos, onde os seus infortúnios devem acabar (Kudrun, Leipzig. F. A. Brockhans 1880, Introd., pág. XVIII).

CAPÍTULO II

A formação das epopeias. — Resultados da crítica contemporânea a êste respeito. — A interpretação de Guilherme Grimm na *Heldensage*. — Lachmann e as suas *Anmerkungen zu den Nibelungen und zur Klage*. — Indicação de outros trabalhos sôbre as origens dos *Nibelungen*: de Müllenhof, Kettner, Müller, Wilmann. — Aplicação do método de Lachmann ao estudo das origens de *Kudrun*. — Doutrinas sôbre o assunto: de Ett. Müller, Müllenhof, Panzer, Willmann. — Elementos que o estudo das sagas escandinavas nos fornece para a determinação das fontes do poema, sobretudo na parte referente à história de Hilda. — A *Edda* de Snorri. — A narrativa de Saxo

Grammaticus. — Vestígios da lenda de Hilda nos anglo-saxões. — O poema de Alexandre, do cura Lamprecht. — O romance do século XII *Salomo e Morolf*. — A narrativa do duque Ernesto, como uma das fontes de *Kudrun*, no passo relativo ao rapto das princesas pelos grifos. — Fundo popular de alguns episódios do poema. — Indicação de outras influências.

A simples leitura do poema mostra à evidência que se compõe, na realidade, de três partes fracamente ligadas entre si. A primeira tem por herói o rei da Irlanda, Hagen; a segunda narra os esponsais de Hetel e Hilda; a terceira, a mais importante e que contém o que há de mais humano na epopeia, representando sentimentos quasi modernos, dá-nos a história de Kudrun. Não me compete o estudo complexo das origens da obra, limitando-me a apresentar os resultados da crítica contemporânea.

Longe vai a época em que se julgavam as religiões invenção dos padres para explorarem a credulidade pública, em que se admitia que as sociedades tinham por origem um contrato, que as línguas eram resultado de combinações reflectidas, admitindo-se também que todo o poema épico era necessariamente obra individual de um poeta mais ou menos inspirado que soubera idealizar um facto, pedido à história ou à sua própria imaginação. Não se fazia a mínima idea do carácter da poesia intuitiva, dêsse poder de composição colectiva que deu origem às tradições épicas. As lendas heróicas não se podem attribuir à acção individual, reflectida dos grandes homens; são criações anónimas dos povos que fundem as lembranças dos feitos da vida nacional, com as lendas dos deuses e as narrativas mitológicas, que na sua forma primitiva traduziam a impressão que ao espirito do homem produziram os fenómenos da natureza e que muitas vezes, sob a acção de ideas teológicas, representam a divinização dos heróis que, engrandecidos pela imaginação e pela vaidade nacional, se tornam seres sobrenaturais, deuses.

A imaginação popular confunde assim os elementos míticos e históricos numa *saga*, na tradição tão intimamente, que a erudição mais sagaz não é capaz de destrinçar. As crenças religiosas e as lembranças históricas, isto é, os elementos humanos e divinos, mantêm-se vivos na alma popular, cujo entusiasmo místico e nacional tem expressão na epopeia. Até a forma épica não é propriamente individual, nem a externa, o metro, que, como é sabido, aparece nos lugares mais afastados e nas épocas mais distantes; nem a interna, a expressão, que surge nas mais variadas composições.

Por este critério de interpretação não se deve compreender que o povo inteiro, ou pelo menos uma grande parte, trabalhou na elaboração definitiva das epopeias, na forma que as conhecemos. É claro que há a entrar em linha de conta com o poeta, na ordenação dos ricos materiais que se lhe ofereciam, na redacção livre dos episódios que a tradição lhe proporcionava.

Convém, por outro lado, não esquecer que as composições heróicas que recordam a glória dos antepassados, representam o ideal colectivo e, nesse sentido, os poetas populares que as reproduziam oralmente nas côrtes dos príncipes, dos senhores, ou nas ruas, não faziam mais que exprimir o sentimento nacional.

Daí vem que não é possível determinar as circunstâncias pessoais nem sequer o nome desses cantores que nas suas composições celebravam os grandes acontecimentos históricos. Como era de prever, os cantos populares, transmitidos de geração em geração, sofriam inúmeras transformações: quanto mais remotas eram as tradições míticas e históricas, maiores eram as alterações que os caracteres individuais e os diferentes motivos sofriam de harmonia com a cultura e a moral da época; episódios lendários perdem-se ou alteram-se; outros novos se acrescentam. Pela influência de uma cultura estrangeira que interrompeu a marcha da

organização nacional, a epopeia e as lendas heróicas definham; as classes mais elevadas imitando os modelos estrangeiros, abandonavam as tradições; até mesmo a fixação da escrita prejudicava a graça, simplicidade e entusiasmo das ficções populares que pouco a pouco tomavam uma forma grosseira, até se obliterarem por completo.

Tal é a traços largos a história das lendas heróicas e da epopeia, como foi explicada por Guilherme Grimm em *Die deutsche Heldensage* (1). Lachmann, nas suas *Anmerkungen*

(1) Sobre o assunto, consulte-se *Zur Geschichte der Nibelunge Not*, Braunschweig 1855, de Müllenhof, que reconheceu nas dez primeiras canções de Lachmann três grupos, cada um dos quais constituía um cancionero, o mesmo sucedendo com as canções da segunda parte. O poema formou-se pela junção dessas várias peças, que pouco a pouco foi levada a efeito por diferentes autores. Kettner agrupou as vinte canções de Lachmann em cinco livros; a lenda de Sigefredo baseia-se em dois, a de *Nibelunge Not* em três. O poeta juntou essas composições poéticas, elaborando o poema (*Die österreichische Nibelungendichtung*, Berlin 1897). W. Müller distingue na lenda de Sigefredo e dos *Nibelungen* oito partes, cada uma das quais constitui o assunto de cantos particulares: o nascimento de Sigefredo; a luta do dragão; a libertação de Brunilda; Sigefredo e Cremilda; a expedição de Sigefredo e Gunther, à Islândia; a rivalidade das duas rainhas e a morte de Sigefredo; a união de Cremilda com Etzel (Átila); a catástrofe final. (*Über die Lieder von den Nibelungen*. Göttingen, 1845). Wilmann vê na epopeia a fusão de composições poéticas anteriores que expunham o mesmo assunto sob formas diferentes.

Assim, na *Edda* há três canções que tratam da morte de Sigurd e duas canções de Atli; no século XIII a *Völsungasaga*, baseada nessas composições, apresenta uma narrativa mais ordenada da lenda. O mesmo sucede com a epopeia germânica. A *Nibelunge Not* reúne quatro composições épicas que Wilmann indica, segundo o nome da personagem dominante: Rüdeger, Dietrich, Dankwart e Iríng. (*Beiträge zur Erklärung und zur Geschichte des Nibelungenliedes*. Halle 1877. Uma rica bibliografia sobre o *Nibelungenlied*, dá Th. Abeling em *Das Nibelungenlied und seine Literatur*. Leipzig 1907. Vid. também R. C. Boers, *Untersuchungen über den Ursprung und die Entwicklung der Nibelungensage*, 3 vols., Halle 1906-1908).

zu den Nibelungen und zur Klage, pretende que a *Niebelunge Not* não é a obra genial dum poeta inspirado que se limitou a reunir com certa habilidade vinte contos antigos, conservados pela tradição popular, distribuindo-os por trinta e nove aventuras. Pretendeu distinguir no poema as estrofes enérgicas e realmente belas dos cantos primitivos e outras banais e vulgares, simples interpolações destinadas a ligar entre si as partes mais antigas. O sistema de Lachmann, que apareceu em 1816, encontrou contraditores enérgicos, que pormenorizadamente examinaram todas as provas citadas pelo grande crítico. Pondo de parte a exposição dessas investigações minuciosas da erudição, feitas com a profundidade característica dos sábios alemães, devo no entanto referir que se reconheceu a impossibilidade de destrinçar com segurança os cantos primitivos das interpolações posteriores, de classificar exactamente as estrofes segundo a origem, emfim, que se o conjunto do poema não revela um grande poeta, pelo menos denuncia o pensamento pessoal dum autor que dispôs segundo um plano os episódios que lhe dava a tradição.

As mesmas questões, suscitadas pela crítica de Lachmann, surgem no estudo da Kudrun. O que pertence ao poeta; o que pertence às fontes por êle aproveitadas? Em volta dêstes intrincados problemas, mostra-se a mesma divergência de opiniões. A primeira tentativa de aplicação do método de Lachmann ao poema de Kudrun, foi a de Ettmüller em 1841, que, apoiado apenas em caracteres exteriores, procurou dividir o poema nas partes que o constituíam, não conseguindo, porém, explicar a sua ligação. (*Gudrunlieder nebst einem Wörterbuch*. Zürich und Winterthur). Com outra profundidade versou Müllenhof o assunto em 1845; de 1705 estrofes só reconheceu 414 como primitivas; procurou reconstituir na obra dois poemas, o de Hilda e de Kudrun (*Kudrun, die ecten Teile des Gedichtes*. Kiel 1845). Panzer, pelo contrário,

admite a completa unidade da obra e em todas as estrofes reconhece o mesmo trabalho estilístico e literário, referindo as duas sagas ao mesmo fundo (*Hilde-Gudrun, eine sagen- und litterargeschichtliche Untersuchung*. Halle 1901); Wilmann admite na Kudrun duas composições diferentes (*Die Entwicklung der Kudrundichter*, Halle 1873); segundo Kettner, a composição original, muito menor que a actual, regulando aproximadamente por metade, fôra continuada segundo o modelo dos *Nibelungen*. (*Über das Verhältniss zwischen Nibelungenlied und Gudrun in der Zeitsch. für deut. Philol.* Band 23, pág. 145 e seg.). O conter a Kudrun 99 estrofes puras dos *Nibelungen*, indica certamente um colaborador posterior. No estado actual da questão, ainda não se chegou a conclusões definitivas, devendo limitar-nos a admitir que o poema fôra elaborado segundo outro de carácter popular de algum menestrel do século XII que nêle reuniu as duas sagas de Hilda e Kudrun, tendo-lhe sido acrescentada a narrativa introdutória, o final, além de numerosas interpoções e modificações. A fonte do poema, na parte referente à história de Hilda, é mais fácil de determinar pelo estudo das sagas escandinavas. Na *Edda* (1) em prosa do irlandês

(1) Sob o nome de *Edda* conhecem-se duas escritas na língua que se falava na Islândia na idade média: a atribuída a Soemund, que é uma colecção de composições em verso, sendo hoje aceite que êle não fêz mais que recolher os cantos, as poesias e as tradições duma época bastante remota e conservadas na memória do povo, e a narrativa em prosa atribuída a Snorri-Sturluson, onde figura uma colecção de regras poéticas e de exemplos de poesia, o *Skáldskaparmal*, que tinha por fim ensinar a arte dos escaldas aos jovens desejosos de aprender a celebrar as antigas tradições religiosas e heróicas, património intelectual da nação. Snorri-Sturluson instruiu-se na escola latina, fundada pelo erudito Soemund em Oddi; é o autor do *Heimskringla*, a grande história do norte. Das trinta e sete peças da *Edda*, cujo manuscrito mais antigo, o *Codex regius* foi encontrado em 1643 pelo bispo de Skalholt na Islândia, Bryn-

Snorri Sturluson no *Skáldskaparmál* (apud. Grimm Deutsche Heldensage, pág. 327) cita-se o seguinte passo. «O rei

jolf Swendsen que nele inscreveu como autor Soemund — *Edda Soemundar hinns fróða* —, dezasseis são consagradas às tradições da mitologia escandinava, às *Göttersagen*: vinte e uma contém sagas heroicas *Heldensagen*, das quais quinze se referem às personagens e aos acontecimentos dos *Nibelungen*.

O 1.º canto, relativo à tradição épica de Sigurd, intitula-se *Sigurdarkviða Fafnisbana fyrsta* e da *Gripisspá*, isto é, o primeiro canto de Sigurd, vencedor de Fafnir e as predições de Gripir que lhe revela o seu destino. É por assim dizer um resumo rápido de toda a saga. O canto de Sigurdriða (*Sigrðifumál*) mostra-nos Sigurd, dirigindo-se depois da vitória sobre o dragão para o país dos francos. O 3.º canto de Sigurd, vencedor de Fafnir, (*Sigurdarkviða Fafnisbana þriðja*) refere a conquista de Brunilda por Sigurd para Gunnar; pinta o amor persistente de Brunilda, o seu ciúme que se traduz no desejo de aniquilar o seu apaixonado, induzindo a isso Gunnar, mas sendo o herói assassinado pelo irmão mais novo d'este, Guthorm, quando Sigurd repousava ao lado de Gudrun. O trecho, *Brot af Brynhildarkviðu*, fragmento de um canto de Brunilda, refere também a morte de Sigurd. O canto, intitulado *Helreið Brynhildar*, não acrescenta nenhum facto novo importante. O 1.º canto de Gudrun, *Gudrunarkviða fyrsta*, é um dos mais belos; pinta com elevação extraordinária a dor de Gudrun, depois da morte do esposo. A narrativa em prosa, *Drap Niflunga*, a morte dos Niflungen, é o resumo rápido de todos os acontecimentos que se seguiram à morte de Sigurd. O 2.º canto de Gudrun — *Gudrunarkviða aennur* —, refere a narrativa que a viúva de Sigurd faz das suas dores ao rei Thidrek, exilado junto de Atli. O 3.º canto *Gudrunarkviða hriðja* tem a particularidade de apresentar Herkia, não como mulher de Atila, como nos *Nibelungen*, mas como sua amante, acusando por ciúme Gudrun de ter ligações ilícitas com Thidrek. A lamentação de Oddrun, *Oddrúnargrátr*, é na opinião dos críticos, uma composição relativamente recente. Relata a vingança que Atli exerce sobre os Niflungen, por Gunnar ter seduzido Oddrun, sua irmã. Os dois cantos seguintes, *Atlakviða* e *Atlamal* referem ambos os mesmos acontecimentos, análogos aos da segunda parte da *Nibelunge Not*, com a diferença que é Gudrun e não Atila que provoca a morte dos irmãos, para vingar a morte do matido. O canto intitulado *Gudrunarhvaet* parece estranho à tradição primitiva (Cfr.

Högni tinha uma filha, Hilda, que fôra raptada por Heðin, filho de Hiarrandi, durante a ausência do pai que tinha ido assistir à assembleia dos reis. Ao saber que o seu território fôra invadido e a filha raptada, marchou com um grande exército, em perseguição de Heðin, recebendo a notícia de que êle navegara para o norte, ao longo da costa. Högni, ao chegar à Noruega, foi informado de que os fugitivos tinham passado às Órcadas e ao aportar à ilha Haey, (a actual Hoy, a ilha das Órcadas situada mais a oeste) encontrou Hedin com a sua gente. Hilda correu para o pai e ofereceu-lhe em nome de Heðin um colar como penhor de amizade, acrescentando que de contrário lhe daria combate, não tendo a esperar qualquer benevolência. Högni respondeu àsperamente, em virtude do que ambos os contendores se prepararam para a luta. Heðin, porém, chamou de novo o sogro e ofereceu-lhe a paz e muito dinheiro, como indemnização. Högni respondeu: — A tua proposta vem demasiado tarde; já desembainhei a minha espada *Dáinsleif* que foi forjada pelos anões. Todas as vezes que sai da bainha, traz a morte a um homem; os seus golpes nunca falham, as feridas que faz nunca saram.

«Heðin replicou: Orgulhas-te da tua espada, mas não da victória; eu chamo boa à espada que é fiel ao dono», Então começou a batalha que se chama *Hiadningawig* (luta dos Hiadninge).

«Combateram todo o dia; à noite retiraram-se para os seus navios. De noite, Hilda despertou por poder mágico todos os homens que tinham sucumbido na véspera. Na manhã seguinte, marcharam os reis novamente para terra e combateram e com êles todos os que no dia anterior tinham

Müllenhof *Deutsche Altertumskunde* V. B. 1807, pág. 157-301) Vid. também *Edda I, Heldendichtung. Edda II, Götterdichtung und Spruchdichtung*, übertragen von Felix Genzmer. Eugen Diederich. Jena, 1914.

caído no campo da batalha. Assim continuou a luta, um dia após outro; todos os homens e também as armaduras se toravam em pedra. Mas ao amanhecer, os monstros resuscitavam e combatiam e assim se diz nos cantos, continuará até ao crepúsculo dos deuses».

A *Snorra Edda* reproduz a seguir um trecho da Drâpa, a poesia do escalda Bragi, anterior aos meados do século ix, em louvor de Ragnar Lodbrök, em que é referida a luta entre Högni e Heðin. Descreve-se ali um escudo, onde estava representado o combate entre Högni e Heðin, no qual Hilda, a que curava as feridas, apresentava o colar ao pai, mas a quem desejava a morte.

O rapto de Hilda durante a ausência do pai corresponde perfeitamente ao de Kudrun pelos normandos no poema alemão, com os quais Hetel travou o violento combate de *Wülpensand*. O destino de Kudrun é a repetição do de Hilda sua mãe, não sendo por isso de extranhar que os nomes dos combatentes da saga escandinava reapareçam no poema; que ambas as narrativas do rapto coincidam. Na lenda nórdica é evidente o carácter mítico que não aparece nas epopeias alemãs. A luta eterna dos mortos que resuscitam por encanto é um símbolo existente em todas as mitologias, da alternativa da primavera e do inverno, da luz e da noite que só termina com a destruição da terra no crepúsculo dos deuses (1).

(1) No *Sörladáttir* islandês do século xiv (impresso nos *Fournaldar Sögur Nordranda* 1829) o carácter mítico da luta entre Heðin e Högni mostra-se com evidência intervindo na acção deuses nórdicos. Freya, a amada de Odin, conseguiu o precioso colar *Brsingamen*, entregando-o aos seus possuidores, os anões. Odin encarregou Loki de lho roubar, restituindo-o porém, caso ela se comprometa a incitar dois poderosos reis para uma luta irreconciliável que só terminará, quando um cavaleiro cristão aniquile ambos os antagonistas. Levado a isso por uma mulher da floresta, *Göndul*, (nome de uma valquíria) Heðin, filho do rei Hiarrandi de Serkland, (terra dos sarracenos) estabeleceu com Högni, rei da Dinamarca

Na narrativa do historiador dinamarquês Saxo Grammaticus, (ed. de P. E. Müller, pág. 238-242) refere-se que no

é de Ostland (Rússia) íntima aliança. Na ausência de Högni, Göndul apareceu de novo a Heðin que estava governando o reino. Depois de lhe dar uma bebida que o fez esquecer de tudo, induziu-o a raptar a filha de Högni, *Hild* e a lançar a mãe da mesma para debaixo do navio, quando este se fizesse ao mar. Com nova beberagem, que lhe é ministrada, volta a ter consciência do sucedido, o que o coloca em indizível desespero. Högni corre em perseguição de Heðin e encontra-o na ilha de Há. Em vão, procura Heðin reconciliar-se com Högni. A luta, a que Hilda assiste de um bosque, começa com violência e nela tomam parte as forças dos contendores, mas os guerreiros, que sucubem, levantam-se e renovam o combate. Depois de 143 anos, aportou à ilha Há o rei Olaf. Todas as noites lhe desapareciam as sentinelas, até que Ivár Ljóni saiu para o campo. Encontrou banhado em sangue Heðin que o incita a matar Högni pelas costas e a seguir todos os restantes, e por último êle próprio. De manhã, desapareceram todos os vestígios da luta.

Apesar da feição romântica — cristã, nos seus traços principais vê-se a correspondência da lenda com Snorri e Saxo, e o fundo mítico. Hilda é nome de valquíria e significava originalmente luta; no *Hildebrandslied* os heróis marcham para a luta *zu der hiltju* e na segunda canção da Edda de Helgi a Hundigtöter, diz Helgi a Sigrun que a pedido da mesma a raptou ao pai e a um outro pretendente: «tu foste para nós Hilda».

Outros mitos nórdicos referem a luta do deus da luz, *Heimdall*, origem de tudo o que começa e se transforma com Loki, o que tudo termina e aniquila, conseguindo apoderar-se do colar (o sol) que este roubara a *Frigg*, deusa do céu. Müllenhof na Zeit. f. deut. Alt. 30, 228 e seg. 258 interpretou a lenda de Hilda como a poetização do mito do colar, de que se encontram vestígios no *Beowulf*, onde se alude ao roubo dos *Brosinga men* por Hama (Heime). Entre outros, Klee (zur Hildesage. Leipzig 1873) considera a lenda de Kudrun como uma repetição da lenda de Hilda, com aditamentos, entre os quais o de mais um galanteador, pois Kudrun tem três pretendentes: Sigefredo de Morlant, Hartmut da Normandia e Herwig da Zelandia. Jacob Grimm (Lat. Gedichte des X und XI Jahrhunderts pág. 384 e seg.) mostrou a relação que existe entre a Hedinsage e a lenda de Walther e Hildegunda que é o assunto do poema latino do século x, com este título do monge de S. Gall, Eckhart, tradução certamente dum texto alemão. O exílio de Hildegunda, a filha do rei Herrich

tempo de Frotho III, o famoso rei dinamarquês (é o Fruote da Kudrun alemã), Hithinus, um rei norueguês e Hilda, a filha de Hoginus, rei dos Jutas, se tinham amado loucamente, antes de se terem visto.

Quando se viram pela primeira vez, não puderam afastar

da Borgonha *pulcherrima gema parentum*, que fôra dada como refem ao rei Átila, a sua fuga com Walther, filho do rei da Aquitânia, também entregue ao poderoso rei da Panónia, lembra o rapto de Hilda por Hedin. Também aparece nas duas lendas a mesma personagem, Hagen, (Högni) embora a situação não seja a mesma. Numa, é o pai que procura fazer valer junto do sedutor os seus direitos paternos; na outra, Hagen, incitado pelo rei Gunther, desejoso de possuir o tesouro que os fugitivos tinham subtraído aos reis hunos, não se pode recusar a combater o seu amigo de infância, para vingar a honra dos francos que caíram um a um dizimados pela espada invencível de Walther.

Na *Thidreksaga*, aparece outra versão da lenda, cujo herói é Herbut. Herbut, filho da irmã de Dietrich de Bern, (Verona) recebe dêste o encargo de conseguir para êle a mão de Hilda, a filha do rei Artur de Bertangenland. É recebido rudemente pelo monarca, mas consegue aproximar-se da princesa, apesar da vigilância que sobre ela exercem. Na igreja, desperta a atenção de Hilda, fazendo correr adiante da mesma um rato dourado e a seguir outro prateado. Entra ao serviço da princesa, a quem dá conta da sua missão, pedindo-lhe ela para pintar na parede o retrato de Dietrich. Acha-o tão feio que aconselha Herbut a atraiçoar o seu senhor e a fugir consigo. Êle assim faz e mata Hermann e outros cavaleiros do rei que o perseguem (Martin. *Ob. cit.* Einl. L III). Também no poema heróico, *Biterolf*, composto no gosto dos romances de cavalaria e cujo herói é um rei de Toledo que abandonou o seu país, dirigindo-se à corte de Etzel, para verificar se seria o soberano mais poderoso do mundo, figura num grande torneio, às portas de Worms, Herbort da Dinamarca, ao lado de Gunther, contra Teodórico. Ali se diz que Herbort raptou Hildeburg e que teve para isso de lutar contra o pai da mesma, o rei Luís da Normandia e o irmão Hartmut, tendo também morto um gigante e além disso Goltwart e Soewart. Herbort é comparável a Herwig; os seus antagonistas, Luís e Hartmut, aparecem também na Kudrun, assim como a heroína Hildeburg que no poema alemão figura como princesa, não da Normandia, mas de Portugal.

os olhos um do outro, tão violenta era a sua paixão. No fim do inverno, Hithinus e Hoginus partem ambos para uma expedição guerreira, depois de jurarem mutuamente que aquela que sobreviver vingará a morte do outro.

Hithinus recebe de Hoginus a sua filha em casamento. Passado algum tempo, insinuam a Hoginus que o genro tivera relações ilícitas com a filha antes dos esponsais. Dá crédito à calúnia e ataca Hithinus, mas é vencido, fugindo para a Jutlandia. Frotho procura reconciliá-los sem resultado; Hoginus exige que a filha lhe seja entregue. Combatem os dois em duelo. Hoginus, mais forte que o seu antagonista, vence-o e certamente Hithinus lhe teria morrido às mãos, se o encanto da sua juventude e beleza o não tivessem como-vido, poupando-lhe a vida.

(Continua).

Guilherme Hancke

